

De Freud a Lacan: um passo de saber sobre as mulheres!

Zelma Abdala Galesi

A sexualidade feminina em Freud

Freud sempre esteve às voltas com o enigma da feminilidade, tanto que o momento inaugural da psicanálise surgiu do seu encontro com as histéricas e, com a sua decisão de afastar-se da neurologia, demonstrando que a histeria tem uma anatomia própria, imaginária, centrada em uma experiência sexual prematura. Freud vai construir um saber que lhe permitirá resolver os problemas que levavam aos impasses científicos da época. Começou por acreditar que a histeria seria consequência de uma realidade *traumática* à qual a criança teria sido exposta de maneira passiva e sem defesa. Esse *trauma* surgiria da sedução do pai ou de um próximo.

Várias histórias clínicas dessa época, entre elas o caso Emma von N.¹, Katharina² e Elisabeth von R.³ correspondem a essa teoria de que o rechaço de uma representação incompatível, na histeria, através da conversão de excitações psíquicas em algo físico, produziria a doença e a angústia⁴. Toda uma gama de sintomas aparecerão após uma segunda cena, que recobre e, ao mesmo tempo, revela a primeira cena de um abuso sexual, como se diz hoje, dando de maneira *retroativa* à primeira cena o seu valor traumático. Por não ter se apossado ainda do conceito da sexualidade infantil⁵, seria a puberdade que uniria as duas cenas, ou seja, somente na puberdade ela compreenderia o sentido da cena recalçada. O traumatismo sexual faria retorno no destino do sujeito sob a forma de

histeria. Essa divisão, pelo acontecimento traumático, já antecipava o sujeito dividido pela defesa, ou melhor, pelo inconsciente.

Em 21 de setembro de 1897 em uma carta à Fliess⁶, Freud admitirá que as suas históricas enganaram-se, sendo que ele deixaria de acreditar em sua *neurótica* (teoria das neuroses), embora continuasse se perguntando de onde viriam os detalhes da fantasia de sedução que as pacientes lhe traziam. Apenas em seus "Três ensaios"⁷ ele reconhecerá publicamente o seu próprio erro, avançando na questão ao unir a organização genital da libido e a primazia do falo, situando a sexualidade na menina como tendo um caráter inteiramente masculino. O conceito fundamental da pulsão faz a sua entrada neste momento.

Mas, verificamos que um problema se impõe a Freud: se a libido é sempre masculina, como as mulheres fazem para ser femininas? Uma problemática que vai ocupá-lo ao longo de sua obra.

Vários textos, entre eles "Totem e Tabu"⁸, vão ressaltar o "Complexo-Pai" para a mulher como uma saída positiva do Édipo. Nessa mesma via, em "O ego e o Id"⁹, com a introdução da instância do superego, Freud vai alargar o entendimento sobre o complexo materno e paterno, o complexo de castração e a castração materna. A formação do superego seria correlativa à dissolução do complexo de Édipo; no menino o complexo de Édipo vai de encontro à ameaça de castração, produzindo um superego rigoroso, enquanto na menina o complexo de castração não destrói o complexo de Édipo, mas prepara o seu aparecimento. Ao permanecer no complexo por um tempo indeterminado produz-se na menina um Édipo "mal resolvido" resultando em uma ausência de superego, ou ainda num complexo de castração menos atuante.

A ausência do superego nas mulheres é um dos paradoxos da teoria freudiana, pois em 1916, em seu estudo sobre uma

das mais enigmáticas personagens femininas, Lady Macbeth de Shakespeare¹⁰, antecipa a descoberta do sentimento de culpa nas mulheres, ao situá-la, como exemplo de pessoa que sucumbe ao atingir o êxito, após lutar por ele com todas as forças, sacrificando até mesmo sua feminilidade. Fracasso condicionado à severidade do superego. Obter o que se quer produziria uma satisfação insuportável.

Em seus últimos artigos, o de 1931, ele continua insistindo na seguinte questão: "Como fazer para saber um pouco mais sobre as mulheres"¹¹? A partir deste ponto, dos efeitos do complexo de castração na mulher, e do reconhecimento de que a menina é protagonista ativa da fantasia de sedução, propõe três linhas de desenvolvimentos para chegar a este saber: a primeira, de que a menina assustada pela comparação com os meninos cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral. A segunda, de que a menina se apegaria com desafiadora autoafirmatividade à sua masculinidade ameaçada, identificando-se com a mãe fálica e aferrando-se à esperança de conseguir um pênis, o que pode resultar numa escolha de objeto homossexual. A terceira, que ela atingirá a atitude feminina normal, tomando o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo¹². Freud inclui aí a maternidade como uma solução para a mulher, do lado do ter o falo.

Então, a saída do Édipo para a mulher continuaria visando o caminho do "toda fálica". O falo sendo concebido por Freud como imagem do pênis, que organizava a sexualidade de ambos os sexos. Embora ao descobrir a pré-história edipiana da menina Freud reconheça uma dessimetria entre os Édipos do menino e da menina, assinala como único diferencial na mulher, a orientação erótica de voltar contra si as tendências destrutivas, situando-se no gozo masoquista, que seria autenticamente feminino. Mesmo assim,

conclui afirmando que na menina a defesa contra a feminilidade é enérgica, sendo que ela estaria definitivamente submetida à inveja do pênis, ao *Penisneid*.

Na verdade, Freud em seu pequeno texto de 1922 "A cabeça de Medusa"¹³ já havia verificado que a cabeça da Medusa é o símbolo aterrorizante dos genitais femininos, impossível de ser encarado.

Essa mesma construção já estava presente em "A interpretação dos sonhos"¹⁴, no sonho com a sua paciente Irma que o perturba com a sua resistência em aceitar a "solução"-*Lösung*¹⁵ que ele propõe. Irma, uma histérica, faz com que se produza um saber acerca do seu enigma. Face a face com o fundo da garganta de Irma, a carne que não se vê, o genital feminino, *Unheimlich*, mistério angustiante da feminilidade. Esse sonho marca o que não é reconhecido, o *umbigo do sonho*, que aponta para o desejo inconsciente, o que é repellido e causa horror ao sujeito¹⁶.

O sonho da *Bela Açougueira*¹⁷ vai ensiná-lo sobre a problemática do desejo e o estatuto da identificação histérica: um desejo de desejo insatisfeito. E o caso *Dora*¹⁸ sobre o rechaço do corpo feminino e a parceria fundamental da histérica com o pai, em busca de uma relação entre saber e gozo: Dora recebe das mãos da Senhora K., a quem atribui esse saber, o livro a *Fisiologia do amor*, procurando responder essa questão central sobre o sexo, ou um saber sobre a diferença dos sexos.

Em 1933, em sua conferência sobre "A feminilidade"¹⁹, Freud afirma que as mulheres são a exceção, pois, a pergunta "o que quer uma mulher?", é uma questão impactante, tal como a questão sobre o pai, "o que é um pai?", que ele tentava responder de maneira universal.

Em "Análise terminável e interminável"²⁰, a sexualidade feminina e a figura do pai irão evidenciar claramente os limites do pensamento de Freud, que enclausurou a posição feminina em um impasse histórico.

O ensino de Lacan sobre a sexualidade feminina

No ensino de Lacan temos dois momentos pontuais em relação às questões da feminilidade. Embora tenha seguido a lógica fálica de Freud e a ação do *Penisneid* nas mulheres, ele soube ir além, ao enfrentar o insuportável da questão feminina.

No primeiro ensino, Lacan estabelece uma equivalência entre o falo e a mulher. Desloca o falo de sua função imaginária (imagem do pênis) para os dois sexos, situando-o como o significante do desejo, da falta-a-ser. As relações entre os sexos estarão condicionadas à função do falo conectadas em torno de um ser e de um ter²¹.

O falo como *médium* na relação entre os sexos indica que "ele é a cópula graças a qual se cumpriria, sexualmente a relação com o Outro"²². Ao reformular o estatuto do falo, Lacan vai articulá-lo a uma falta, própria à sexualidade feminina, revelando a sua verdadeira natureza: a da falta de pênis da mãe (a castração materna)²³. De tal modo, que a criança pode ser identificada e substituída pelo falo que falta à mãe²⁴.

A função da metáfora paterna seria a de permitir evocar no imaginário do sujeito a significação do falo, ou seja, a inscrição da mãe no lugar da falta, dando para o sujeito a possibilidade de simbolizar pela via do falo o que o pai priva a mãe, produzindo um limite²⁵. O falo como significado na metáfora paterna permite a substituição do Nome-do-Pai pelo Desejo da mãe humanizando o desejo.

Em "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina", encontramos em Lacan formulações sobre o gozo feminino, quando diz que "o parceiro de gozo da histérica é o amante castrado ou um homem morto"²⁶.

Entre os anos 60-70, novas construções de Lacan vão localizar o gozo masculino e o feminino, onde o falo seria um modelo de gozo. Tanto que, *O seminário, livro 10: a*

*angústia*²⁷ é desenvolvido fora da metáfora paterna e parte do gozo, de um *resto irreduzível*, do objeto *a*, que designa o fracasso da metáfora, com depreciação do desejo²⁸. O falo vai ser situado, agora, para além da relação entre o homem e a mulher²⁹. De tal modo que falar da sexualidade feminina impõe a maneira pela qual para o homem se constitui o objeto feminino. Se o gozo no homem coincide com a detumescência, que produz um limite, ele entra no ato sexual na condição de castração, enquanto pênis que não saberia gozar nele mesmo³⁰. Então, o valor de uso do falo vai ser transferido sobre a mulher que entra como fetiche (*a*), objeto de gozo e de troca. Fazer amor com uma mulher só é possível ao homem pela via de uma perda de gozo, assim a mulher seria uma metáfora do gozo. Elas podem aceitar ser o falo para um homem, porque elas o desejam, e crêem amar, já que o objeto da mulher tem a forma erotomaníaca (*A*)³¹.

No decorrer de seu ensino, vemos que Lacan vai empurrar os limites conceituais da posição feminina avançando no sentido de assinalar que a mulher não está toda na função fálica, que seu gozo, quando ela o experimenta, é um gozo *êxtimo*, em excesso, já que não existe um significante que represente *A* mulher no inconsciente. O amor tem uma importância fundamental para as mulheres, sendo a própria condição de seu gozo. Em "O aturdido", Lacan aponta, no entanto, um paradoxo, nesse mesmo ponto: "se é como única que a mulher quer ser reconhecida[...], mesmo que se satisfaça a exigência de amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão"³².

A partir da fórmula *não há relação sexual*, mas "*há o Um*", como obstáculo à relação sexual³³. Em *O seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan vai entregar as fórmulas da sexuação, conceituando o gozo nas mulheres como separado do domínio fálico e inscrito pela negação da existência do *Um* da exceção, que se funda no Universal, próprio à lógica

fálica (Φ) do lado masculino. Esse gozo suplementar, a mais, como diz Lacan é correlato do *nãotodo* fálico(S(\mathbf{A})), mas que por ser ilimitado desborda, devasta as mulheres.³⁴ Ilimitado que pode ser deduzido do estatuto do amor como um mais além do ter, tal como as místicas(que conjugam o gozo *nãotodo* do sujeito feminino com a contingência do encontro com Deus), ou da mulher pobre³⁵.

Se o homem existe, se ele se apresenta como completo, as mulheres existem na incompletude, na *ex-sistência*, uma a uma de modo singular. Ambos, diz Lacan, serão, no entanto, reenviados à significação última, absoluta de seu objeto pequeno a. Para a mulher, trata-se de se fazer *partenaire* sintoma do homem e consentir tomar o lugar de objeto *mais-de-gozar*, segundo a sua versão inconsciente, singular. Se, como afirmou Lacan, a mulher é a hora da verdade para um homem, é porque encarna o real do gozo sexual. Se na relação ela é a verdade, é porque está em posição de pontuar a equivalência entre o gozo e o semblante³⁶.

As contribuições de Lacan, em seu último ensino, o distanciam consideravelmente de Freud, pois ele se deu conta da fragilidade da ordem simbólica e de que o semblante fálico não tinha mais a mesma consistência. Os movimentos da cultura sinalizavam isso, incluindo o movimento feminista que refundou uma nova mulher que luta por uma igualdade em relação ao homem e que hoje têm a palavra e o poder. Atento a essas contingências de nossa época, Lacan previu e antecipou isto. Ao afirmar que as mulheres existem, ele vai situá-las ao lado de seus semblantes, de tal modo "que ao homem cabe servir de conector para que a mulher se torne o *Outro* para ela mesma"³⁷.

¹ FREUD, S. (1987[1893-1895]). "Caso Emma von N. Estudos sobre a histeria". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas*

completas de Sigmund Freud, vol. II. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 79.

² Idem. (1987[1893-1895]). "Caso Katharina". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. II. Op.cit., p. 143.

³ Idem. (1987[1893-1895]). "Caso Elisabeth von R.". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. II. Op.cit., p. 152.

⁴ Idem. (1987[1893-1895]). In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. II. Op.cit., p. 169.

⁵ Idem. (1987[1905]). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Op.cit., p. 123.

⁶ Idem. (1987[1897]). "Cartas à Wilhelm Fliess, carta nº 69". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Op.cit., p. 279.

⁷ Idem. (1987[1905]). Op.cit., p. 123.

⁸ Idem. (1987[1912-1913]). "Totem e Tabu". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Op.cit., p. 20.

⁹ Idem. (1987[1923]). "O ego e o id". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Op.cit., p. 13.

¹⁰ Idem. (1987[1916]). "Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico: os arruinados pelo êxito". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Op.cit., p. 357.

¹¹ Idem. (1987[1931]). "Sexualidade feminina". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Op.cit., p. 259.

¹² Idem. *Ibid.*, p. 264.

¹³ Idem. (1987[1922]). "A cabeça da Medusa". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Op.cit., p. 270.

¹⁴ Idem. (1987[1895]). "A interpretação dos sonhos". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. IV. Op.cit., p. 127.

¹⁵ LACAN, J. (1987[1954-1955]). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 192. C.f. Lacan, *Losung* é um termo que contém uma ambiguidade, pois é ao mesmo tempo a solução que se injeta como a solução de um conflito.

¹⁶ Idem. *Ibid.*, p. 194.

¹⁷ FREUD, S. (1987[1895]). Op.cit., p. 161.

¹⁸ Idem. (1987[1901-1905]). "Fragmento da Análise de um caso de histeria". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Op.cit., p. 5.

¹⁹ Idem. (2012[1933]). "A feminilidade. Conferência 33". In: *O feminino que acontece no corpo. A prática psicanalítica nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 20.

²⁰ Idem. (1987[1937]). "Análise terminável e interminável". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Op.cit., p. 247.

²¹ LACAN, J. (1998[1958]). "A significação do falo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 699.

- ²² MILLER, J.-A. (2010) "A foraclusão generalizada". In: *Todo mundo delira*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 21.
- ²³ LACAN, J. (1998[1958]). Op. cit., p. 692.
- ²⁴ Idem. *Ibid.*, p. 700.
- ²⁵ Idem. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 166-240.
- ²⁶ Idem. (1998[1960]). "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Op. cit., p. 742.
- ²⁷ Idem. (2004[1962-1963]). *Le séminaire, livre X: l'angoisse*. Paris: Seuil Ed., p. 214.
- ²⁸ MILLER, J.-A. (2005). "Introdução à leitura e referências do Seminário 10". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (43). São Paulo: Edições Eolia.
- ²⁹ LACAN, J. (1966-1967). "A lógica da fantasia". Seminário inédito, aula de 1º de março de 1967.
- ³⁰ Idem. (2004[1962-1963]). Op.cit., p. 205.
- ³¹ Idem. (1966-1967). Op. cit., aula de 7 de junho de 1967.
- ³² Idem. (2003[1973]). "O aturdido". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 467.
- ³³ MILLER, J.-A. (2010). Op.cit., p. 24.
- ³⁴ LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 102.
- ³⁵ MILLER, J.-A. (2008[1997-1998]). *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, p. 291.
- ³⁶ LACAN, J. (2006[1971]). *Le séminaire, livre XVIII: d'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil Ed., pp. 33-35.
- ³⁷ Idem. (1998[1960]). Op.cit., p. 741.